

**REDE ELETRÔNICA E EFEITOS DE SENTIDOS:
SOBRE AS “MEMÓRIAS DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL”**

Jean Carlos Ferreira dos Santos¹

Fernanda Correa Silveira Gall²

Lucília Maria Sousa Romão³

RESUMO

A compreensão da materialidade discursiva na Internet se faz necessária, dado que este meio tem possibilitado novas formas de relacionamento entre os diferentes sujeitos. O presente artigo intenta refletir sobre os efeitos de sentidos produzidos por sujeitos inscritos na página do projeto “Memórias da Literatura Infantil e Juvenil”, que pertence ao portal do Museu da Pessoa. Com base na perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa, na interface com autores que estudam a Rede Eletrônica, foi analisado um corpus constituído por recortes de depoimentos contidos na página, no qual evidenciou-se que a rede permite a inscrição de diferentes posições, configurando-se como um espaço que possibilita ao sujeito atar outros laços e se conectar de outro modo com os sentidos, com a leitura e a escrita.

Palavras-chave: Rede eletrônica. Literatura Infantil e Juvenil. Memória.

*Porque eu havia lido em algum lugar
que as palavras eram conchas de clamores antigos
Eu queria ir atrás dos clamores antigos
que estariam guardados dentro das palavras...*
(Manoel de Barros)

1. INTRODUÇÃO

A compreensão sobre a materialidade discursiva na internet se faz cada vez mais necessária, dado que esse meio de comunicação e informação tem proporcionado novas maneiras de relacionamento entre os sujeitos, abrindo espaço para que diferentes posições manifestem-se no emaranhado de links e hiperlinks. Ao longo desse artigo, procuramos, então, refletir sobre os efeitos de sentidos produzidos por sujeitos-navegadores no projeto “Memórias da Literatura Infantil e Juvenil”, link que pertence ao Museu da Pessoa, um portal eletrônico que (re)colhe, organiza e coloca em circulação dizeres denominados como relatos de histórias de vida de escritores, e também de leitores.

Para tanto, empregamos os pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) de filiação francesa, que busca refletir sobre as bordas dos dizeres – falhas e equívocos que os sujeitos enunciadore se enovelam, e compreender o funcionamento da linguagem. O objeto de análise da teoria discursiva é produzido socialmente, sendo concebido como efeito de sentidos entre interlocutores, que evidencia sua incompletude e transitoriedade do dizer. Assim, tal perspectiva teórica propõe uma forma de pensar os atos de linguagem a partir de uma posição crítica – não como blocos fechados, com início e fim em si mesmos –, como algo que se inscreve em regiões da memória do dizer e que mobiliza os usos sociais das palavras em outros contextos sócio-históricos (ROMÃO, 2006).

Esse modo particular de pensar os objetos discursivos requer um aparato teórico complexo, formado por conceitos que se articulam engenhosamente. O dispositivo teórico-metodológico ganha vitalidade ao ser mobilizado em termos de recortes e arquivos selecionados, o que significa que, na AD, teoria e prática se retroalimentam a fim produzir gestos de interpretação particulares (FERREIRA, 2008). Posto isso, o ofício do analista do discurso é escavar, na linguagem, o quanto ela guarda de memória, como que ela se apóia em uma historicidade, quais posições de (des)poder estão em jogo, de que formas há espaços de deslocamento de sentidos oficiais. Enfim, é preciso ler o movimento do discurso (ROMÃO, 2006).

2. SOBRE A TEORIA DISCURSIVA

Na perspectiva teórica em que nossa discussão se insere, a noção de sujeito distancia-se da ideia do sujeito gramatical, empírico, plenamente consciente de suas motivações e propósitos. A AD desconstrói a concepção de sujeito neutro, transparente e lança mão de um sujeito afetado pelo inconsciente e pela ideologia, cujo discurso expressa um conjunto de outras vozes. Assim,

O sujeito discursivo deve ser considerado sempre como efeito de linguagem, marcado pela posição social e ideológica em um dado momento da história e não outro. A voz desse sujeito revela o lugar social, isto é, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade social; em sua voz escoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico já ditas pelo/no interdiscurso. Compreendido assim, o sujeito discursivo distancia-se da noção de falante. (ROMÃO; FERRAREZI, 2008, p.25)

Nesse sentido, o sujeito é aquele que carrega consigo as marcas do social, da ideologia, da historicidade e tem a ilusão de ser a fonte do sentido. Cabe aqui explicitarmos a noção de ideologia na concepção discursiva, visto que não há sujeito sem ideologia: é ela que regula os sentidos possíveis para o sujeito em determinadas condições, fazendo parecer evidente que se diga de um jeito e não

de outro. Esse assujeitamento promovido pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique, o que cria o efeito do sentido-lá e a impressão de que o sujeito é origem do que diz.

Pela ideologia se naturaliza o que é produzido pela história; há transposição de certas formas materiais em outras. Há simulação (e não ocultação de conteúdos) em que são construídas as transparências (como se a linguagem não tivesse sua materialidade, sua opacidade) para serem interpretadas por determinações históricas que aparecem como evidências empíricas. (ORLANDI, 1994, p.56)

O sujeito constitui-se na/pela linguagem e é, portanto, heterogêneo, cindido, polifônico, assumindo uma posição dentre várias. Desse modo, graças ao efeito da ideologia, ele pode deslocar-se de uma posição a outra, romper com sentidos dominantes, sustentá-los para depois rompê-los novamente. Relacionados aos sentidos, apresentarmos os dois “esquecimentos”, definidos por Pêcheux (1997), como esquecimento número um e número dois.

O primeiro diz respeito à ilusão que coloca o sujeito como a fonte dos sentidos, levando-o a pensar que ele é a origem do que diz, como se suas palavras brotassem no momento em que são ditas, não tornando perceptível as redes de memória nas quais se ancora para enunciar seus discursos, isto é, ele apenas retoma e rearticula sentidos já ditos em outros contextos (ORLANDI, 2007). Já o segundo esquecimento, que é da ordem da enunciação, cria um efeito de clareza e completude, como se houvesse um “colamento” perfeito entre a palavra e seu significado, de tal maneira que acreditamos que o que dizemos só pode ser dito com determinadas palavras e não com outras, ou seja, ele procura apagar a existência de uma memória que é da ordem do discurso e que dá sustentação aos dizeres.

A memória discursiva, chamada também de interdiscurso, é, de acordo com Orlandi (2007, p.31),

o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob forma de pré-construído e que disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. Trata-se de

uma rede de significações que já vem sendo tecida há muito tempo, cujos sentidos são sócio-historicamente produzidos e ideologicamente interpretados como naturais. Cada formulação ocorre em condições específicas que a fizeram significar de maneira particular as redes de memória, rompendo-as, retomando-as ou cristalizando sentidos já ditos.

A partir disso, inferimos que o sujeito somente pode significar-se ou significar algo, caso tenha acesso ao interdiscurso: não há discurso sem memória, já que é ela quem dá sustentação à malha de sentidos e à emergência dos discursos. O sujeito escritor/leitor/navegador, que relata a sua relação com o livro, a leitura e seus processos de escrita e que disponibiliza esses dizeres na página eletrônica, tem naturalizado um modo de produção de sentidos sobre a realidade, silenciando outras formas de dizer e relatar. É assim que o sujeito se constitui, interpelado pela ideologia que, pensada a partir da perspectiva da linguagem, pode ser compreendida como uma estrutura do processo de significação e como mecanismo que produz certas evidências para o sujeito e não outras.

De nosso ponto de vista, a rede eletrônica abre lugar para articulação dos pressupostos da Análise do Discurso, visto que não dá para pensá-la como veículo estático: ela está inscrita na banda larga em que a falha, a opacidade, a incompletude e a fluidez são inerentes aos discursos.

3. SOBRE A REDE ELETRÔNICA

Faz parte, também, do escopo desse artigo refletir sobre a rede eletrônica como lugar de circulação e de produção de múltiplos sentidos, uma vez que nosso objeto de análise – a seção do Museu da Pessoa dedicado à memória da literatura infantil e juvenil – está localizado na internet⁴. Na sociedade atual, dita da Informação ou em Rede (CASTELLS, 2002; CEBRIÁN, 1999), as diversas dimensões da atividade humana estão cada vez mais permeadas pelas conexões e pelos circuitos criados pelas tecnologias de transmissão e comunicação de dados, que promovem encurtamentos geográficos e a reconfiguração do tempo, colocando

o sujeito em outra relação com a informação, com o texto, a leitura e a comunicação com outros sujeitos.

Podemos ver que há um deslocamento de sentidos em torno da lógica de transmissão de informações até então predominantes na sociedade, ou seja, aquela representada pelos meios de comunicação de massa que priorizam a ação dos emissores sobre os receptores – é o caso da TV, do rádio e da mídia impressa. Na rede, as interfaces irradiam-se em múltiplas conexões e os fluxos informacionais que delas emergem permitem o surgimento de relações que estão em constante expansão. Assim, a significação das informações expande-se rapidamente através das rotas emaranhadas da rede, o que as torna cada vez mais acessíveis e atualizáveis por intermédio de dispositivos móveis de comunicação, como computadores portáteis, telefones celulares, MP3 players, dentre muitos outros.

A lógica da comunicação em rede tem nos fluxos a sua estrutura sustentadora, o que faz com que a informação circule e seja produzida por diferentes sujeitos ou grupos, e aqueles que tem acesso às vias que permitem adentrar o território da rede eletrônica tornam-se potenciais construtores de conteúdos. A internet oferece um amplo arsenal de possibilidades que ampliam a rapidez e a dimensão da comunicação interpessoal, o trabalho colaborativo e o acesso a dados, o que era restrito a bibliotecas, arquivos e museus físicos.

Tendo em vista essas considerações, arriscamos dizer que a internet é um dos mais importantes suportes de transmissão de informações da atualidade, com grandes chances de se tornar o principal, pois faz circular um grande volume de dados e dizeres, o que compõe, de acordo com Moraes (2001, p. 68):

[...] um conjunto vivo de significações, no qual tudo está em contato com tudo: os hiperdocumentos entre si, as pessoas entre si e os hiperdocumentos com pessoas. A partir da hipertextualidade, a Web põe a memória de tudo dentro da memória de todos, numa malha de um bilhão de páginas indexadas.

É como se cada ponto da rede eletrônica contivesse ponteiros e nós, os quais podem ser seguidos e escavados para acessar outras dobras e links relacionados virtualmente. O hipertexto, ao invés de um efeito de unidade, linearidade, completude e evidência de sentido, tal qual o texto impresso, produz um efeito de dispersão, de incompletude, provisoriedade e transitividade, à medida que deixa o texto aberto às escritas, apropriações e alterações do sujeito internauta (GRIGOLETTO, 2009). Os papéis de leitor e escritor se (con)fundem, isto é, todo que participam como construtores do traçado do hipertexto, já são leitores, bem como aquele que atualiza um percurso na rede, conclui, momentaneamente uma escrita infundável.

A hipertextualidade confere ao documento/texto eletrônico múltiplas possibilidades de acesso e de leitura, visto que as camadas formadas topologicamente por pontos de conexão suportam a navegação em múltiplas direções e abarcam a possibilidade de interferência do sujeito-navegador na ação de montar e desmontar o texto (ROMÃO, 2006). Nesse sentido, a hipertextualidade reclama e faz sentido a partir do momento que (re)significa o que seja acesso a informação, pois cria uma enorme biblioteca desterritorializada, na qual é possível armazenar e cruzar informações localizadas em territórios diversos, sustentando a dinamicidade e rapidez da rede. Como peças de um quebra-cabeça virtual, os textos eletrônicos convivem e significam ao lado de recursos imagéticos, sonoros, multimidiáticos, etc., compondo um caleidoscópio de recursos verbais e não verbais.

Esse deslizamento de uma página a outra, de um texto para outro abre uma imensa fronteira, para/por onde o sujeito-navegador se move e transita em um emaranhado de sentidos diversos e (des)ordenados, fazendo de sua navegação pelo território da web um ir e vir constante, sem assentamento definitivo. Esse caráter fluido e hipertextual abre inscrição para diversas posições-sujeito, discursos e contra-discursos, sentidos de dominação e de resistência, o que, de acordo com Galli (2008), escancara a sua incompletude e impossibilidade de controlar os efeitos sentidos. Como espaço de produção e disponibilização de informações,

cabe dizer que a rede eletrônica, em tese, admite que qualquer um tenha a oportunidade de produzir o seu discurso e de ter acesso ao discurso do outro. Temos aí o efeito ilusório de liberdade e de controle que afeta o sujeito e mascara a existência de um outro, que vigia e controla quem e o que circula no virtual.

Pelo exposto, percebemos que falar da internet implica considerar as condições de produção em que se dá a troca e a criação da informação nesse espaço, que é sustentado na ideia de acessibilidade infinita e constituído na relação dos sujeitos com a produção coletiva da informação. Assim, os documentos eletrônicos podem ser vistos como arquivos demarcados ideologicamente, nos quais sujeitos inscrevem sentidos, representam-se imaginariamente, ocupam determinadas posições e fazem falar ditos que não são naturais nem evidentes (ROMÃO, 2006). Nos emaranhados de links, língua e história reivindicam o tempo todo que a linguagem seja significada a partir do que não está visível na tela do computador, mas do que a memória da história e a memória discursiva resgatou em outro local.

4. SOBRE O MUSEU DA PESSOA

Ao intitular-se um museu virtual, o Museu da Pessoa não obedece a regularidades nem a características tradicionalmente atribuídas aos museus físicos, nos quais predominam documentos estáticos, organizados para construir linhas do tempo históricas ou biografias de grandes personalidade e feitos. Nesse museu “desterritorializado”, não há quadros, pinturas, ou vestígios de documentos antigos, mas uma série de recursos multimídia, como áudios, vídeos, escritos e fotografias sobre histórias de vida de sujeitos – como jovens moradores de favelas, escritores, catadores de materiais recicláveis, músicos, entre outros –, que são disponibilizados para acesso pelos internautas, que podem traçar o seu próprio caminho por entre as coleções de histórias e outros dizeres.

No início de sua formação, as atividades do Museu da Pessoa eram voltadas sobretudo para a realização de intervenções urbanas e outros projetos culturais relacionados à difusão de histórias de vida. Embora possua um local físico como a maioria dos museus, suas atividades se dão principalmente no seu portal eletrônico. Segundo o próprio site do Museu da Pessoa, sua missão é registrar, preservar e transformar em informações as histórias de vida de sujeitos, a partir da difusão dessas histórias, através da interconexão de uma diversidade de ferramentas multimídia, como o podcastings, blogs, documentos digitais, web rádio. Quando de sua elaboração, os idealizadores do museu desejavam que a disseminação dos conteúdos do acervo fosse feita de modo que todos pudessem ter acesso e, ao mesmo tempo, que pudessem contribuir com suas histórias.

A internet surgiu como espaço onde foi possível concretizar esses objetivos: nela seria, então, criada uma rede de histórias construída tanto pelos depoimentos e materiais biográficos colhidos pela equipe do Museu da Pessoa nos mais diferentes locais, como pelos internautas, visto que eles poderiam contribuir com sua história de vida, além de poder interagir com o material do portal eletrônico, através da montagem de suas próprias exposições ou comentando histórias. A partir dessas ações, a proposta do Museu da Pessoa é ser um espaço virtual de expressão, comunicação, geração e troca de conhecimentos entre os sujeitos (HENRIQUES, 2004).

Esse museu digital sinaliza a tentativa de uma nova forma de interação com o sujeito através da interconexão das linguagens oral, escritas, imagética e recursos de hipertexto. No portal eletrônico, as histórias são reunidas por temas; cada tema, abriga histórias de catadores de materiais recicláveis, imigrantes, tempos de escola, comércio, música e literatura brasileira entre outras centenas de entradas discursivas para o navegador. Segue, abaixo, um print da primeira página do Museu da Pessoa.



Figura 1 - Museu da Pessoa (www.museudapessoa.net)

Para refletir sobre os efeitos de sentidos da materialidade discursiva na rede eletrônica, fizemos um recorte de um projeto do Museu da Pessoa que trata da organização das memórias da literatura infantil e juvenil, através da reunião de entrevistas com escritores, fotografias e outras materialidades que visam construir uma memória sobre a literatura brasileira destinada a crianças e jovens. A escolha desse link do museu se justifica pelo fato de vermos nesse projeto uma ferramenta diferente de promoção da leitura, pois utiliza a materialidade do virtual para mostrar escritores e produtores da literatura infantil e juvenil contando sobre suas vidas, sobre memórias antigas e recentes.

A materialidade encontrada em “Memórias da Literatura Infantil e Juvenil” constitui um campo rico para a análise discursiva, pois coloca os produtores de literatura infantil em uma outra posição que não seja apenas a de escritor, mas como sujeitos (comuns) que discursivizam sobre infância, escola, alegria, tristeza, dor, saudade, sentimentos, enfim, situações da vida cotidiana, além de falarem da sua relação com a leitura, com os livros e a escrita. Esse espaço, através de palavras e imagens, produz no sujeito-navegador o desejo de saber-ler sobre a vida do outro, que não é qualquer um: é um escritor conhecido, o que atrai o

sujeito-navegador a inscrever sentidos na página, motivado pelo interesse de conhecer mais sobre o escritor que fez parte de sua infância; desvelar sentidos que não estão explícitos nas páginas dos livros ou que não estão em circulação em outros espaços de leitura.

Observamos, com isso, que a página do Museu da Pessoa compõe-se de uma textualidade híbrida, uma vez que mistura oralidade e escrita, representadas pelos depoimentos em vídeo e pelos comentários escritos no fórum de discussão. Interessa-nos, assim, refletir sobre os sujeitos inscritos nessa página, os quais, ao discursivisarem sobre si e sobre o outro, tanto escritor quanto leitor, produzem e põem em circulação na rede sentidos outros dizeres sobre infância, leitura e livros.

5. SOBRE AS “MEMÓRIAS DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL”: EFEITOS DE SENTIDOS

Considerando o exposto, apresentamos, nesse item, os resultados da análise de dois recortes retirados do site do Museu da Pessoa, mais especificamente do projeto “Memórias da Literatura Infantil e Juvenil”, os quais aparecem nomeados pela letra R seguida de um número de sequência. O primeiro diz respeito a um depoimento do escritor Pedro Bandeira, que está disponibilizado em formato vídeo e em formato texto, do qual retiramos o recorte a seguir, pois os vídeos do site são compactos de uma entrevista que encontra-se no site transcrita na íntegra. O segundo traz comentários de uma leitora sobre o depoimento do escritor. Vejamos:

R1 – “E a literatura fazia parte da minha vida como diversão, jamais li por obrigação, nunca. Aliás, fui um péssimo aluno. Imagina, estudar?! Aquela Chatice?! Estudar literatura? Era melhor ler literatura. Estudar análise gramatical, ou oração subordinada não-sei-o-que-lá- modal, que coisa mais chata! Melhor ler Machado de Assis, os contos maravilhosos, nossa! Que coisa linda! Ninguém me obrigou, se me obrigassem ia achar chato.” (Pedro Bandeira)

Nesse recorte do depoimento do escritor Pedro Bandeira, vemos o autor discursivizar sobre a sua relação com a leitura durante a infância. Ao analisá-lo, pode-se perceber um deslocamento de sentidos em relação ao discurso que frequentemente é produzido sobre leitura nas intuições escolares, onde há uma imposição ao aluno pra que leia. A leitura imposta torna-se, por vezes, a razão pela qual os estudantes não desenvolvem o interesse pelos livros em geral. O ensino de literatura ou o trabalho em sala de aula com gêneros textuais resume-se em fazer o sujeito-leitor debruçar-se sobre as características formais do escrito, sobre questões gramaticais e a busca por sentidos que estão na superfície do texto, tarefa representada por perguntas como “o que o autor quis dizer como isto...”, o que revela uma tentativa de silenciar a memória discursiva do leitor, como se houvesse apenas um sentido que pode ser lido. Por isso, a designação “aquela chatice” faz falar um ponto de condensação dos sentidos de modo a não deixar dúvida e tornar evidente o quanto a leitura na sala de aula é restrita a práticas repetitórias.

Como percebemos na voz de Pedro Bandeira, em “Estudar análise gramatical , ou oração subordinada não-sei-o-que-lá- modal, que coisa mais chata!”, as aulas de gramática parecem produzir um efeito derrisório, dado que o trabalho com textos na sala de aula prioriza a análise gramatical de recortes nos quais o aluno tem que identificar e classificar as orações, os verbos, etc., o que, muitas vezes, gera uma aversão do aluno a esse tipo de tarefa, tidas como enfadonhas e desvinculadas do interdiscurso que possibilita que o sujeito-leitor faça as suas leituras possíveis do texto.

O trabalho em sala de aula com a leitura teria de dar oportunidade ao sujeito-leitor de compreender que o texto é produzido a partir de condições socio-históricas e culturais específicas, o que daria margem para interpretações outras, dependendo da posição-sujeito ocupada pelo leitor daquele texto. Ao dizer que “Era melhor ler literatura”, o sujeito-escritor cria o sentido de que o método, sustentado na análise gramatical e na decodificação superficial do texto, opõe-se à leitura como ação prazerosa que parte da interpretação individual e que, sobretudo, como

prática que acolhe o múltiplo ao invés do sentido único, encerrando em si a possibilidade de o sentido sempre vir a ser outro, opondo-se ao sentido naturalizado e repetido.

Na perspectiva da AD, a leitura requer que o sujeito desloque-se entre os vestígios ainda desconhecidos e signifique-se a partir do interdiscurso que sustenta o dizer registrado nos livros e textos. Desse modo, a voz de Bandeira está vinculado a um interdiscurso que sustenta a ideia de leitura como ato interpretativo e que perpassa as questões gramaticais e a análise literária, devendo constituir um lugar para o leitor fazer falar a sua condição de sujeito vinculado a certos locais de memória para selecionar alguns sentidos tidos como mais naturais, deixando de lado ou silenciando outros. A leitura exigida do aluno, que deveria ser uma forma do sujeito-estudante significar-se e produzir sentidos, passa a ser encarada com resitência e aversão tal como presente na voz do escritor.

O sujeito, então, desestabiliza os sentidos dominantes ao discursivizar que era um “péssimo aluno”, e que seu gosto pela leitura sempre esteve acima da necessidade (imposta) de se estudar as noções gramaticais. O modelo atual de ensino ainda se sustenta na memorização de conceitos e fórmulas; ao final de cada bloco de assuntos o professor então aplica uma prova, a qual será atribuído um número, que corresponde à nota do aproveitamento de cada aluno. Os estudantes que tiram altas notas são considerados os bons alunos: soma-se a isso a subordinação do aluno à voz do professor, visto que o discurso deste é portador da verdade. Além disso, aplicação de provas aos alunos é uma forma de reforçar o discurso autoritário dentro da sala de aula. O “péssimo aluno”, então, é aquele que desafia a ordem e não se adequa ao método utilizado em sala de aula, cuja característica principal é a transmissão de conteúdos muitas vezes distantes da realidade do aluno. Ao sujeito insubordinado, taxado como “péssimo aluno”, resta a atribuição de notas baixas e a repetência.

Ao trazer à tona que era um “péssimo aluno”, o escritor também produz um sentido que entra em colisão com um outro sentido em circulação: o de que um escritor, um homem das letras – dentro da concepção atual do que seja um bom

aluno – não pode ter sido um mau estudante durante a sua vida escolar, ou seja, o reconhecimento enquanto escritor de literatura infanto-juvenil é fruto de uma boa educação, notas boas e bom comportamento na escola, devendo, portanto, ser visto como um exemplo a ser seguido pelos estudantes atuais. Esse imaginário desliza e ecoa em comentários como o da leitora no R2, abaixo:

R2 – “Pedro Bandeira esse sim é o Kara! Li todos seus livros quando criança e ainda hoje os tenho comigo. Obrigado por me fazer uma criança feliz e por me ensinar a gostar de ler. Grande beijo de sua fã!” (Leitora)

No recorte acima, extraído da seção de comentários, podemos ver um discurso da leitora dos livros de Pedro Bandeira que, no cibermuseu, tem a oportunidade de falar sobre sua experiência de leitura na infância, mais precisamente do contato com os livros do autor em questão. Nesses dizeres, Pedro Bandeira aparece como uma figura marcante na infância da leitora, que iniciou seu mundo da leitura com obras do autor, responsável por tornar a infância sua mais feliz e por despertar o prazer pela leitura. Ao expressar que o autor é o Kara, a leitora destaca magnificamente o ofício de produtor de literatura infantil de Pedro Bandeira, visto que a expressão popular “o cara” pode significar que esta pessoa é o máximo, imbatível naquilo que faz. Grafada como um K e não com um C, o sujeito provoca um deslizamento de sentido a partir da mobilização de uma memória discursiva relacionada aos personagens “Karas”.

Tais personagens estão presentes em vários livros infanto-juvenis do escritor, como *a Droga do Amor*, *A Droga da Obediência*, dentre outros; eles fazem parte, portanto, da memória discursiva da maioria dos leitores dos livros de Pedro Bandeira. “Karas” é como se auto-intitula o grupo de adolescentes que combate bandidos e realiza investigações para prender criminosos, envolvendo-se em aventuras perigosas e destacando-se por serem crianças inteligentes e corajosas, sendo a sua esperteza maior que a dos bandidos que aparecem no decorrer das aventuras narradas nos livros. Escrever para o público infanto-juvenil é, de certa forma, uma experiência aventureira que, em contrapartida, carrega o desejo de

despertar no leitor o mesmo espírito. É justamente esses Karas que a prática da leitura na escola tende a silenciar em suas inquietações, discordâncias e não satisfação com os sentidos previsíveis.

O espaço dos comentários torna-se uma importante via de comunicação dos leitores com outros leitores e com o escritor, criando o efeito (ilusório) de que se está falando diretamente com os outros sujeitos que estão inscritos naquele espaço, o que pode ser verificado ao final do recorte, quando a leitora despede-se: “Grande beijo de sua fã!”, como se tivesse deixado um recado para o autor com a certeza de que ele irá lê-lo. Em uma perspectiva discursiva, vemos que a rede eletrônica permite diferentes inscrições, oferecendo a possibilidade de o sujeito produzir seu discurso sob direntes maneiras, sobretudo utilizando a linguagem informal, representada pelas gírias e pela linguagem própria do universo da internet. Vemos que a página em branco da internet contrapõe-se ao discurso da escola, como presente nos dizeres de Pedro Bandeira no R1, pois não há um discurso dominante que regule a forma como o sujeito deve produzir seu sentidos; ao contrário, a rede acolhe e abre uma enorme possibilidade de serem produzidos diferentes sentidos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, ao longo desse artigo, estabelecer um diálogo entre a Análise do Discurso e as reflexões acerca da rede eletrônica, a fim de refletir sobre como as discursividades da internet são marcadas pelo contexto sócio-cultural, pontuando como isso tem relação com os modos de subjetivação na contemporaneidade. Para tal, mobilizamos o conceito de memória discursiva, marcando como os trajetos de dizer na rede sustentam-se em dizeres já falados antes em algum lugar e como são voláteis os sentidos inscritos por sujeitos em dadas posições de linguagem. Buscamos, ainda, investigar o (des)controle de dizeres na teia digital, visto que o fluxo de palavras sobre escola e leitura inscritos

por um sujeito pode alavancar deslizamentos para Karas, o que reclama considerar o permanente jogo discursivo em uma topologia labiríntica e atualizada em tempo real.

Com base na análise do *corpus*, evidenciamos que a rede permite a inscrição de diferentes posições, configurando-se como um espaço que possibilita ao sujeito atar outros laços e se conectar de outro modo com os sentidos, com a leitura e a escrita. Assim, o sujeito se inscreve e se constitui no funcionamento da rede, na sua fluidez, rapidez e dispersão, de maneira que os laços são (re)criados no processo de partilha dos mesmos espaços de sentidos, ou seja, dos 'nós' que os mantém conectados (a outros sujeitos) pela identificação com uma memória discursiva.

Ao analisármos os recortes do depoimento de um escritor e o comentário de um leitor disponíveis no portal eletrônico, vemos que ambos inscrevem efeitos de sentidos relacionados à leitura e sua relação com discurso sobre o ensino da leitura e da literatura na infância – o já *lido em algum lugar*. Nessas inscrições, observamos deslocamentos e regularidade do deslizar permanente da língua afetada pela historicidade e pela interpelação ideológica; tal condição abre espaço para sustentarmos que a janela aberta na página do computador funciona discursivamente sempre marcada pelo link fechado e pelo que virá, no fluxo de movimentos de dizer estilhaçados que o sujeito teima em tentar pespontar, amarrar e costurar ilusórias unidades. É por isso que algo de clamores antigos instala-se sempre no dizer do sujeito, irrompe na rede de seus dizeres provocando repetições, deslocamentos, furos e atravessamentos imprevisíveis; também por isso a epígrafe inicial nos convocou a escutar os *clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras* e, completamos nós, que estão marcados discursivamente nas tramas da rede eletrônica.

EFFECTS OF NETWORK ELECTRONICS AND DIRECTIONS: ON THE "MEMORIES OF CHILDHOOD AND JUVENILE LITERATURE"

ABSTRACT

Understanding the Internet discursive materiality is necessary, since this medium has made possible new forms of relationships between different subjects. This article seeks to reflect on the effects of meaning produced by subjects in the project page "Memories of Children and Youth Literature", which belongs to the portal of the Museum of the Person. Based on the theoretical perspective of discourse analysis of the French line at the interface with authors who study the Electronic Network, has been analyzed a corpus consisting of extracts from the testimony contained in the page in which it was evident that the network allows the inclusion of different positions, configured as a space that allows the subject tie and other ties that connect other wise with the senses, with reading and writing.

Keywords: Eletronic Network. Children's Literature. Memory.

Notas

- ¹ Graduando do sétimo semestre do curso de Ciências da Informação e Documentação na FFCLRP/USP; Bolsista FAPESP.
- ² Pós-doutoranda na FFCLRP/USP. Bolsista FAPESP.
- ³ Professora Doutora do Curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (USP). Profa. colaboradora do Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Líder do

grupo de pesquisa “Discurso e memória: nos movimentos do sujeito” (CNPq). Bolsista CNPQ. Projeto Individual de Pesquisa FAPESP (2010- 510290).

- ⁴ O portal do Museu da Pessoa pode ser acessado no endereço eletrônico:
www.museudapessoa.net.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

BAUMAN, Z. 2001. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro : J. Zahar.

_____. 2005a. *Identidade : entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro : J. Zahar.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CEBRIÁN, J. L. *A rede: como nossas vidas serão transformadas pelos novos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1999.

DIAS, C. *Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital*. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2008.

FERREIRA, M. C. L. A ciranda dos sentidos. In: ROMÃO, L. M. S.; GASPAR, N. R. *Discurso midiático: sentidos de memória e arquivo*. São Carlos: Pedro & João, 2008. p. 13-22.

GALLI, F. S. *(Ciber)espaço e leitura: o mesmo e o diferente no discurso sobre as “novas”práticas contemporâneas*. Campinas: Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

GRIGOLETTO, E. A autoria ho hipertexto: uma questão de dispersão. *Hipertextus*. Pernambuco, n. 2. Jan. 2009.

HENRIQUES, Rosali. *Memória, museologia e virtualidade: um estudosobre o museu da pessoa*. 2004. Dissertação (mestrado) – Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologia.

_____. *Museus virtuais e cibermuseus: a internet e os museus*. São Paulo: Museu da Pessoa, 2004. Disponível em http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/rosali_henriques_museus_virtuais.pdf. Acessado em 15 Out. 2010.

LEVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

MORAES, D. *O concreto e o virtual: mídia cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro : DP & A Editora, 2001.

MUSEU DA PESSOA. *Memórias da literatura infantil e juvenil*. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/mdl/memoriasDaLiteratura/> . Acessado em: 20 Nov. 2011.

ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994. Disponível em:

<<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817>>. Acesso em: 30 Out. 2010.

_____. *Análise do Discurso*: princípios e procedimentos. Pontes: Campinas, 1999.
PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas, Ed. Unicamp, 1997.

ROMÃO, L. M. S. *De areia e de silício*: as tramas do discurso no livro eletrônico. *Espéculo*. Madrid. n. 31, nov./feb. 2006.

_____.; FERRAREZI, L. Os sujeitos e a tessitura dos sentidos no discurso jornalístico. In: ROMÃO, L. M. S.; GASPAR, N. R. *Discurso midiático*: sentidos de memória e arquivo. São Carlos: Pedro & João, 2008. p. 23-37.

WORCMAN, K.; PEREIRA, J. *História falada*: memória, rede e mudança social. São Paulo: Sesc / Museu da Pessoa / Imprensa Oficial, 2006.